

DRAMATURGIAS EMERGENTES

VOLUME UM

Antes dos Lagartos, Pedro Eiras

Arte da Guerra, Fernando Moreira

Balancé, Ângela Marks

Dorme Devagar, João Tuna

O Espantalho Teso, Jorge Louraço Figueira

5

cadernos **Dramat**

3,00 €

JAZZ
REVISTA DE CRÍTICA





DRAMATURGIAS EMERGENTES I

ANTES DOS LAGARTOS

ARTE DA GUERRA

BALANCÉ

DORME DEVAGAR

O ESPANTALHO TESO

DRAMATURGIAS EMERGENTES II

FAROL

OS NOMES QUE FALTAM

O PARQUE DOS PIQUENIKES

STORMY WEATHER

O VIOLINO DO AVÔ AFRICANO

Antes dos Lagartos

Pedro Eiras

Arte da Guerra

Fernando Moreira

Balancé

Ângela Marks

Dorme Devagar

João Tuna

O Espantalho Teso

Jorge Louraço Figueira

Centro de Dramaturgias Contemporâneas – Porto

Livros Cotovia – Lisboa

Título: *Dramaturgias Emergentes I*

© Autores e Edições Cotovia, Lda., Lisboa 2001

ISBN 972-795-016-7

Índice

Advertência Preliminar, <i>António Mercado</i>	p. 7
Antes dos Lagartos, <i>Pedro Eiras</i>	11
Arte da Guerra, <i>Fernando Moreira</i>	59
Balancé, <i>Ângela Marks</i>	115
Dorme Devagar, <i>João Tuna</i>	163
O Espantalho Teso, <i>Jorge Loureiro Figueira</i>	193

Advertência Preliminar

Para que o leitor possa avaliar adequadamente as peças reunidas nestes volumes (números 5 e 6 dos Cadernos Dramat), convém mencionar o contexto em que foram criadas. Em Outubro de 1999, o DRAMAT — Centro de Dramaturgias Contemporâneas do Teatro Nacional de São João deu início, no Teatro Rivoli do Porto, a uma oficina de escrita teatral destinada a um pequeno grupo de autores iniciantes. Alguns deles eram muito jovens, outros nem tanto; alguns estavam ligados ao meio teatral, outros à academia, à docência ou à investigação científica em áreas diversas; poucos eram os que tinham uma ou outra peça encenada ou publicada, muitos os que sonhavam tê-las, ou que as mantinham guardadas nas gavetas.

A generosidade com que o DRAMAT apostou na formação de novos autores de teatro em Portugal encontra sólido apoio na doutrina e na crítica, que tradicionalmente atribuem à dramaturgia um papel de relevo na complexidade do fenómeno teatral. Alain Defrange chega mesmo a afirmar que

No teatro não há revolução, nem mesmo verdadeira mudança, senão ao nível das obras. Nunca uma inovação de ordem cénica, por mais válida que seja, transforma verdadeiramente a arte dramática; no melhor dos casos, ela participa numa perturbação em cuja origem está a obra escrita, e só ela. Não obstante o que pensem hoje em dia numerosos encenadores, não existem grandes datas na história do teatro a não ser as da aparição das grandes obras.

(*Théâtre Populaire*, 51)

Mas nesta época em que o palco parece bastar-se a si mesmo e a “autoria” ganha novos contornos, o texto dramático — com as suas personagens, situações, atmosferas e ritmos — será ainda capaz de oferecer estímulos válidos para o trabalho do encenador e dos actores? O primado da encenação não terá tornado anacrónica aquela exaltação à força seminal da dramaturgia? Poderemos buscar nos textos um ímpeto renovador da linguagem cénica? Haverá ainda na ficção dramática algum secreto poder que nos instigue a expandir os horizontes da significação, a desvendar relações inexploradas, a percorrer insuspeitos desvãos da experiência individual e colectiva? O que têm a dizer, sobre tudo isto, os novos autores de teatro em Portugal?

Em parte, foi para tentar esclarecer algumas destas questões que o DRAMAT investiu na sua Oficina de Escrita. Se alguma resposta havia, seriam os novos autores a encontrá-la — e para isso precisavam de tempo. A oficina, originalmente concebida para durar seis meses, acabou por estender-se por mais dois. O trabalho foi organizado em sucessivos módulos presenciais, no intervalo dos quais os autores escreviam e reescreviam gradualmente as suas peças, comunicando-se entre si e com o orientador por via postal ou pela Internet.

DORME DEVAGAR

JOÃO TUNA

PERSONAGENS

ANA 34 anos. Bonita. Professora de música.

VÍTOR 32 anos. Não muito bonito. Professor de Educação Visual. É irónico sempre que utiliza a expressão "minha querida".

Uma pequena cave iluminada por uma lâmpada caída do tecto. No topo de uma das paredes um respirador por onde se adivinha a luz exterior. Algumas caixas de cartão. Uma cama estreita já sem pés. Uma cadeira velha. Sujidade. Quinze ou vinte telas. Algumas arrumadas, outras abandonadas. Algumas naturezas-mortas; outros não-figurativos. A um canto, já na penumbra, um velho cavalete. Alguns caixotes com livros.

Lisboa. Julbo. Fim de tarde, muito calor. No chão, ao centro do palco, um saco de viagem, uma pequena mochila e a caixa de um violino. Ana, de vestido de noite, impaciente, fala ao telemóvel.

ANA Vítor, por favor, atende! Vítor, por favor. Vítor. *(deixa uma mensagem)* Sou eu. Estou na cave do nosso prédio... Vem ter comigo... Telefona-me assim que ouvires isto. *(desliga)* Então, Vítor, não me vais abandonar, pois não? logo agora. Merda. Logo hoje... Estou mesmo a ver, a esta hora estás calmamente à espera do autocarro. *(com ternura)* Estúpido da merda. *(senta-se)* O fim do mundo está prestes a acontecer e eu... Com este vestido estúpido. Neste buraco horrível. *(pausa, murmura)* Como sempre, posso contar contigo.

Ouvem-se algumas vozes seguidas de passos na escada. Ana aproxima-se da porta. Os passos afastam-se. Ana volta para o centro da sala, aproxima-se do saco de viagem, abre-o. Começa a tirar do seu interior alguns objectos: um cobertor, pacotes de bolachas, uma garrafa de água e um rádio. Senta-se e tenta ligar o rádio, experimenta vários botões, não consegue. Por fim abre o compartimento das pilhas, verifica que está vazio. Instintivamente levanta-se, como se fosse buscar as pilhas. Hesita. Não dá um passo. Ana atira o rádio para o chão. Volta a ligar o telemóvel. Ninguém responde, desliga. Senta-se em cima de um caixote. No chão à sua frente, uma tela inacabada coberta de pó. Ana fixa-a. Pega no quadro, é um retrato seu. Ana sorri levemente. Procura outros retratos seus, descobre mais dois. Todos por terminar. Ouvem-se passos, a porta, perra, abre-se. Entra Vítor, vem suado e um pouco descamisado.

ANA Vítor!

Pousa uma sacola no chão. Ana corre para ele, abraça-o.

ANA Estás bem? Estava com medo que não me encontrasses... não respondeste aos meus telefonemas!

VÍTOR Só se pode deixar mensagens... Cortaram as ligações directas.

ANA Conseguiu ir à entrevista?

VÍTOR Sim.

ANA O que é que se passa lá fora?